

Para commemorar o 7 de Setembro, além da parada militar, da abertura do Museu do Estado no edificio levantado na collina onde ecoou o brado da independencia d'um povo, pela voz do nosso primeiro Imperador, percorreu as ruas em passeata, a mocidade academica.

Commemoraram tambem nesse dia a sua independencia, os grévistas da companhia de bondes que em rabugento grupo, annunciaram-se independentes da C. V. P.

S. Paulo—20—9—95.

SYLLA.

BEBILHANDO

LAGRIMAS

Hoje, abandonando as tentativas de vos provocar o riso, conto-vos, com o coração entumecido de lagrimas e saudades, o passamento de nosso conterraneo, José Moreira Marcondes.

Deveria ser penna mais delicada e mais terna, que vos narrasse o curto periodo de vida desse moço desditoso, a quem apenas sorriu a aurora da existencia, a quem o futuro, em perspectiva encantadora, abria os braços, cheio de ignotas esperanças. Mas, perdoem-me, tomei este lugar para cumprir um dever de amigo que saudoso, aqui fica, com um pedacito do coração no vacuo, julgando sonhar.

Juca, assim, familiarmente, chamavamo-lo nós, seus companheiros de estudos e almejos, nessa doce intimidade de amigos e conterraneos longe do berço, ligados pela fraternidade que enlaça aquellos que balbuciavam na mesma nesga de terra.

Não partilhara mais de nossas palestras, não mais tomará parte na lucta que ora encetamos, tentando velejar do nada, para entestarmos as ondas da vida social. Não, sua alma gentil de creança sorridente fugiu, a mesquinha, escapou-se-nos e foi, radiante de belleza, atufar-se no mysterio do invisivel, como o astro da saudade que mergulha, envolto em ondas de luz, na immensidão do oceano, por traz da porta do infinito.

Juca! Tu eras uma perola radiante, bella como o luar, que deslisaste phantasticamente do conchego dos teus, que nos escapaste das mãos cariciosas, e foste sumir, mergulhar longe, bem longe, no azul da eternidade.

Daqui, malgrado amigo, envio-te um beijo de saudades roubadas de meu coração dorido e choroso, esperando que ahi fruas eternamente aquillo que ardentemente começaste a procurar em vida, e que minh'alma desdita em preces almeja para ti—a felicidade.

V. A. SERGIO.

ACCORDES

TERCEIRA CARTA (*)

A OTTO KRAUTER, O MEU DILECTO HOMONYMO

S. Paulo, 24 de Setembro de 1895.

Bravo e intrepido caçador das brenhas paulistanas! Ao receber esta carta de um sonhador, de um mystico, te encherás de espanto igual ao que experimentou o secretario de Sua Excellencia, o Sr. Barão de Rotschild, ao vér arrebentar em suas mãos aquella carta que elle suppunha conter letras ou cheques, e que no entretanto continha a morte.

(*) A segunda extraviou-se no Correio.

E sob essas abobodas de verdura do teu poetico sitio, com o tua espingarda fiel ao hombro, te quedarás muito tempo a cogitar na estranheza do facto.

Mas si te escrevo agora, querido Otto, por meio desta *Viola* idolatrada, é porque preciso de uma alma primitiva e pura como a tua que seja um eserinio onde eu guarde as minhas phantasias que sao as joias da minha intelligencia... (pequena aliás)...

... (D'aqui eu ouvirei e agradeceréi os não apoiado).

E quero e exijo que tu congregues os teus mais intimos amigos — os cachorros, o teu cavallo e alguma capra simples desses lugares onde conquistaste um nome lendario e e que depois de fazer-lhe um discurso metaphysico-philosophico, a que te obriga o nosso nome germanico, quero e exijo, repito, que leiam em alta voz esta minha carta.

E na floresta, no meio d'essas monumentaes columnas com docéis de um verde esplendido, a tua voz possante de caçador repetirá estas minhas palavras ungidas de mysticismo, que irão se repetindo muitas e muitas vezes nessas arcadas de verdura.

Tu, Otto, por mais que o negues, és tambem um sonhador (D'outro genero, bem se vê). A tua figura esguia, magra, os teus olhos meditativos atraçoam o vago mysticismo que boia em tua alma.

Ouve-me, pois, com attenção e repete a esses teus irmãos em caçadas, com toda a força dos teus pulmões, esta minha phantasia.

.....
Acreditas no elixir da vida?

.....
Não tens opinião formada, mas dirás que dadas da existencia de semelhante droga, pois que desde seculos atraz, alchimistas velhos, cheios de rugas, procuraram esse elixir e nas suas célas humidas e bolorentas, não trepidavam em queimar corações de virgens e distillar sangue de innocentes, para o conseguir. Verás mais que moribundos, esses coitados que compram passagens para o Além — o paiz ennevado e tetrico para onde ninguem quer ir, quantas vezes exorcuciantes de dór, pedem um pouco de balsamo de vida e nunca o conseguiram.

E sempre baldos os esforços para encontrar-o.

No entretanto eu, valente Krauter, ha muitos annos já, conservei no coração — a concha onde se escondê o affecto, raios de um olhar que, na madrugada da minha vida, poetizou e illuminou minh'alma romanesca.

E, quando passada a ventura, vieram os dias amarguissimos da desillusão, foram esses raios, que eu avaramente guardei, o meu alimento espiritual.

N'aquelle tempo eu era feliz, tanto ou mais que tu, quando matas um veado campeiro ou uma anta pujante.

Mas, assim como aconteceu muita vez escapar a presa ambicionada e perseguida sem treguas por ti, assim tambem desappareceram das constellações das minhas esperanças, os dois sóes que me poetisaram a vida.

Como recordação, ficarão no coração guardados alguns raios desse olhar, raios que docemente me consolavam e alimentavam a candeia da crença prestes a apagar-se.

As estrellas, por cataclysmas inexplicaveis, muitas vezes fechan seus bellos de ouro.

Crescentes, bellissimas plenilunias sem conta, succederam-se no azul.

Correram annos velozmente e quantas hyvernias, não encarquilharam-me o coração!!!

A maleita, Otto, que as vezes te accommette, jamais causou-te o mal que a eclipse desses sóes em mim causam.

Como na Siberia os infelizes desterrados do Tsar de Todas as Russias, passam os dias trementes de frio e de disillusão, assim tambem tive eu dias hybernaes de desespero.

Nesses dias, porém, quando extravasava o fêl das minhas amarguras, eu me concentrava em mim mesmo e fazia minha alma illuminar-se naquelles raios quasi extinctos, que eu guardava.

Uma noite, porém, tornei a encontrá-los, esses bellos astros, nas constellações feéricas do Empíreo. E a esteira luminosa do seu olhar inundou de novo o coração.

Agora os vejo sempre, esses formosos brilhantes, mas Otto, meu perspicaz caçador, eu temo sempre ou que não sejam os mesmos de então ou que sejam falsificados. (Tal a sorte, meu grande Krauter, de notas falsas, pacificações falsas, amigos falsos que andavam por este mundo).

Além disso, esses velhos que de telescopio em punho, sempre prescrutando estão os outros mundos, dizem que uma estrella pôde deixar de existir e a sua luz por seculos ainda illuminar o ceu.

OTTO KRAUTER.

P. S.—Toda esta longa missiva é para communicar-te a importante novidade que eu creio no elixir da vida e creio que fundamentei a minha opinião.

Communica-a aos teus amigos e companheiros do sertão e manda-me dizer si este alto principio que acabo de expôr, foi ahi comprehendido devidamente.

Abraça-te o amigo

OTTO KRAUTER
(De S. Paulo).

NADA

... Si o coração a latejar pede lenimento, busco um livro. Nelle vejo emaranhada taboa de Callet.

M. C.

Não é tarde ainda.

Nove horas apenas deve, ser si o clarim do quartel visinho, chamando soldados á recolhida, não tardou.

O silencio não é sepulchral. Não sinto o piar agoureiro das aves noturnas nas palmeiras fronteiras, nem começaram a passar convivas para o baile dos mortos.

Antes, enfada-me o gargalhar contente dos meus companheiros de casa, que, sabedores do que me vae pela alma a dentro, chamam-me em vozes altas, para vel-os chorar nas pontas do mesmo lengo.

Felizes!

Deus os conserve isentos d'um amor impossivel.

Enquanto os invejo, a esses felizes que tudo pensam e nada fazem, chegam-me aos ouvidos os sons saltitantes, de um piano longinquo, bello instrumento de noiva,

harmonisando mimosa polka de Carlos Gomes, entrecortados pelos apitos, já roucos ou agudos, dos vapores de muitas fabricas, que soltando fumaradas negras, parecem dizer á nostalgicas apaixonadas: Teu amante cansado do jornalear de hoje, parte sedento de tuas caricias.

Essas fumaradas negras condensando-se invadem-me a alma.

E não asphyxiam o amor!

E' então que, sentado á meza de estudo, a janella escancarada, como queria ter o coração, reposteiro cerrado, proponho revêr o passado.

Servir-me-a de secretario, a pena que outr'ora escrevera a *Solidão*.

Procuo-a... debalde a busco; se não me falha a memoria, tres mezes atraz fôra arremessada ao lixo.

Sem tal companhia, retrocedo. E o presente mata-me.

Resta o porvir que entrevejo na imagem bella d'uma cachopa cruel a ponto de contar-me, innocentemente, a historia della em tudo parecida a minha.

E carpo esse amor impossivel.

EROY.

GARGANTEIO

No cemiterio ermo e sombrio foram levado-o par' o enterrar... Dentro da cova faz tanto frio que elle decerto vae tiritar... Ventre da terra, sempre vasio, faz este corpo desabrochar...

BECCO DA TROÇA

MINHAS AMADAS

I

... Depois que ella se casou nunca mais a vi; e, no entanto, fôra ella quem primeiro me ungiu os labios com os santos oleos do Beijo, quem me fez sentir a melancolia nostalgica dos crepusculos cinzentos, me rasgou aos pés um mundo inteiro de sensações á parte, me campanilhou aos ouvidos o sequim das rimas e me desacorrentou a alma do pessimismo toxico desta vida chata e burgueza, que nos faz entrever nas pupillas virginaes de uma creança a labareda de uma corrupção atavica...

Outras vieram depois, cantando psalmos de resurreição, outras, loiras algumas, de pelle bordada em flocos de luar, olhos azues como o manto real da Senhora das Dôres, cabelos ardentes como um ninho de ouro; morenas, carnes queimadas pela soalheira da Volupia, labios de cõrtonselvagem, aza de corvo na cabeça, trêva de tuncéis nos olhos... Cantando psalmos na romaria do Affecto, cantando psalmos na Via-Sacra do Amor... Cantando psalmos e barcarolas pelas ameias do Palacio de Coral do Coração, de onde fugiu a minha Castellá, numa noite de estio, quando no Céu a Via-Lactea, que é o fulgido Coração da noite, sangrava luz numa apunhalção de estrellas...

A castellá fugiu para o Noivado em Veneza, sobre as aguas dormentes do golpfo, e a Saudade, desde então, faz a ronda nocturna do Palacio...

Como chorei a minha orphandade emparedado no meu Desespero! Emquanto ella noivava, a minha Castellá formosa, na patria dos Doges, atapetando de beijos a bocca alambreada do seu noivo, aromando com o seu cabelo o thalamo nupcial, alvorecendo-o com o seu sorriso, doirando-o com a caricia do seu olhar, sonorizando-o com a sua voz de

patativa,—armava-se no Palacio de Coral do meu Coração a camara ardente para o esquite do meu primeiro Amor! Ai! como ella era franzina, alva e etherea, que até parecia illuminada interiormente, tal a diaphaneidade da epiderme... Aquelles seus lindos olhos purificados e santificados canonicamente de bençams e de resplendores, faziam-me supprir um Sacerdote que, junto do Altar, erguesse a Imagem do Crucificado á adoração do povo, entre nuvens de incenso, vagas de aroma, alleluias de luz, hymnos e glorias e ladainhas... A sua voz, por onde passavam rouxinões cantando, e que os violinos mal exprimem nos seus soluços e as rosas de Maio difficilmente traduzem no seu aroma, hoje, quando eu a escuto, ilhado na minha Tortura, faz-me lembrar o ruido das conchas quando se as collam aos ouvidos: é a voz despedaçada de soluços, entrecortada de angustias, banhada de lagrymas, que atravessa o paiz doloroso da Saudade e vem rolando, em ondas, da nostalgia crepuscular do passado como um dobre de Trindades...

—E vi-a passar pelo braço orgulhoso do Esposo, no fulgido clangor apothetico do um Sol pagão de meio-dia, parasita enroscada num rôble rude, o mesmo olhar ciliciado de monja, a mesma delicadesa de contornos, mesma diaphaneidade de luar estagnado em carnes, a mesma bocca purpureada para a sagração do Beijo, os mesmos braços abertos para a crucificação dolorosa do Amor!

Olhos que a viram! maldictos sejam! Maldictos sejam olhos que guardaveis a Imagem della, do seu Corpo tão puro que poderia ser desfeito em hostias para a consagração da missa da Pureza, profanados pelo tropel judaico de beijos hereticos...

Deus de misericordia! para que foi que a vi? porque não fiquei eu cego dentro da minha Saudade? porque, insulado no meu Sonho, não me delatava visões lembrando os instantes do meu Affecto, a doçura do meu Amor? porque me foram acordar o Ciúme e a Inveja no Palacio de Coral do meu Coração?

Vel-a pelo braço de outro, humanamente, plebeiramente passeando pelas ruas, a minha Castellá formosa... vel-a, chamal-o de Esposo, santificando-o, com o seu olhar purificado, purificando-o, com a graça idealizante do seu sorriso...

Para que foi que a vi, Deus de misericordia! porque não fiquei eu cego dentro do meu Olvido?...

E saudei-a, remoendo anathemas e imprecacões dentro da bocca, e estreitei-lhe a dextra de rainha desthronada...

Maldictos sejam olhos que a viram, maldictos sejam, maldictos sejam!

PEDRO VAL.

SOLFEJANDO

Não quero exhibir conhecimentos e muito menos dar conselhos. Escrevo o que sinto, escrevo a quem me entende.

Attrahido não só pelos pomposos reclames, como tambem por estar em terceira edição, comprei a valsa intitulada *Sempre Fiel*, e, pedindo venia aos profissionaes, faço o seguinte juizo:

A valsa é escripta em estylo vulgar e banal, não demonstrando o auctor tendencias para este genero de musica.

As passagens, além de communs e feias, são mal arranjadas e de modullações pauperimas. No entanto, espero uma nova produção do auctor, para melhor julgar a sua competencia.

Não podendo, entretanto, deixar de dizer que se esta musica faz successo em uma capital como é S. Paulo, o que diremos então

dos Rhapsodias, Gavottas, Minuetes, etc., editados pela casa Levy?

**

Rhapsodia de L. Levy.

E' uma peça de follego, escripta com capricho, mostrando o auctor vastos conhecimentos neste genero de musica.

E' escripta em estylo de Listz e tem feitos pianisticos de altos merecimentos. As passagens, algumas novas, fazem ver a boa leitura que tem o auctor de escriptores modernos. Collecciona diversos canticos populares brasileiros e os desenvolve com uma habilidade rara. Cito, entre outras phrases, o allegro em seis bemóes, compasso de tres por oito, que é de um effeito sorprendente e de verdadeira forma Listziana, como tambem o grande final que termina a peça.

**

Minuete J. Gomes.

E' este Minuete escripto em estylo mais ou menos moderno e dividido em tres partes, tendo tres melodias graciosas e inspiradas. Entre ellas cito a primeira parte que tem um lindo trabalho de harmonia. Será, no entanto, de melhor effeito para instrumentos de corda. Este genero de musica vae de perfeito accôrdo com as demais composições do auctor.

BACH.

SERENATAS

O AMOR NA MULHER

O amor é inimigo mortal do homem.

Um general estrategico sitia uma praça e toma-a de assalto.

O amor, inimigo manhoso, usa outra tactica: deixa ao antagonista toda a liberdade, para tomal-o pela astucia, e, como o soldado vencedor, brada arrogantemente ao pobre coração subjugado: «Entrega-te ou morre!»

E' certo que o general dispõe de homens para a guerra e o amor, de demonios de saias.

E que demonios! Demonios encantadores, meigos, languidos, que vão minando aos poucos a muralha que protege o coração, até poderem atacar e apoderar-se do inimigo, sem que este possa offerecer resistencia.

Tenho muito menos medo do salteador que pula na minha frente, e, erguendo o punhal, brada imperiosamente «a bolsa ou a vida», do que desse inimigo manhoso que me acaricia e diz por entre um sorriso encantador e um olhar terno: «amo-te!» fazendo ponto com um beijo assucarado. Temo menos ao ladrão, porque este, ao divisar o brilho inquietador do meu revólver, bate presuroso em retirada; mas, para inimigos dessa outra ordem, o revólver é arma inutil.

A *costella de Adão* é o bipede mais orgulhoso que vegeta neste planeta. Não é porque nos ame que elle nos ataca; é porque o orgulho ordena, imperiosamente, que assim proceda.

Mas a vaidade das mulheres não fica ahi, porque esse é o ponto seccional e o ponto final é longe.

Além de trocarem de apaixonados com a entrada do inverno ou verão, como se troca de